

## Resenha: Epistemologia da interdisciplinaridade e política em espaço não formal de educação

### Review: Epistemology of interdisciplinary and politics in non-formal education space

Fabiano Cabral de Lima<sup>1</sup>

O livro **Sala de Reforço Escolar – Reflexões e Práticas para a Esperança**, de Adriana Kairos, publicado pela Editora Nua, discute a pedagogia em espaço educacional não formal, através de um curso no Complexo de Favelas da Maré, no Rio de Janeiro. O curso é um projeto de reforço escolar chamado Akairos Curso. Ao longo de dez anos, a educadora popular, poetiza e escritora Adriana dos Santos da Silva (que usa o pseudônimo Adriana Kairos), graduada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Pós-Graduada em Psicopedagogia (UniAméricas), manteve o curso com ajuda de colaboradores que auxiliavam o curso solidariamente, financeiramente com educadores trabalhadores, em espaço de favela. São relatos de prática, discussões teóricas e evidências sobre a educação na favela.

O Prefácio iniciado na página 11 e terminado na página 13 é assinado pela antropóloga e professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Célia Letícia de Gouvêa Collet. Nele é apontada a mistura de gêneros textuais do livro, quando cita Pierre Clastres como referência neste formato. A seção relata a relação de classes sociais presente no livro e o ponto de vista de uma educação na favela. Relata, também, a importância do livro na discussão bibliográfica de aulas no curso de Pedagogia da UFF, para exercícios de alteridade com leitores e estudantes na disciplina de Antropologia da Educação, pois é uma referência bibliográfica em relato, sobre um espaço de educação não formal, periférico e da favela.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Trabalha como colaborador de História para o Museu Virtual Rio Memórias, e pesquisa desigualdades educacionais no Laboratório de Pesquisas em Oportunidades Educacionais (LaPOpE) da UFRJ. Monitor de disciplina de Antropologia na Educação na Faculdade de Educação da UFRJ. Coordena a Unidade do Pré-Vestibular do Movimento Nacional de Educação Popular Esperança García na Ilha do Governador no Rio de Janeiro. E-mail: fabianokbral@gmail.com

A seção de “Apresentação” inicia na página 17 e termina na página 21, tendo como título: “Recorte no Tempo-Espaço”. Ele descreve dados populacionais do Complexo de Favelas da Maré (135.989 habitantes distribuídos em 16 favelas que formam o território, em pesquisa realizada pelo Censo Maré, organizado pela ONG Redes da Maré) e dados sobre as escolas locais constantemente fechadas devido a violência. Para descrever os desafios educacionais deste livro é necessário transportarmos ao contexto histórico da sua publicação. Os desafios do Akairos Curso, entre os anos de 2020 e 2022, coincidem com pesquisas educacionais de Mariane Koslinski e Tiago Bartholo (2021), ambos professores da UFRJ, que descrevem as diferenças do acesso à educação entre estudantes de escolas públicas e privadas, no momento da pandemia. Relata-se uma importância na instituição de educação presencial. A educadora ainda relata neste capítulo a falta de interesses dos neoliberais e ultraconservadores com a formação e trabalho intelectual.

O capítulo “Quem Sou, Quem Somos?”, iniciado na página 23 e finalizado na página 36, é dividido em dois subcapítulos. O primeiro subcapítulo, intitulado “Sobre Chinelos”, descreve um encontro de alteridade com mãe de aluna. A mãe se sente envergonhada por estar sobre chinelos, não vestida de forma adequada durante o encontro. Adriana faz analogias com vivências antes de educadora, que se sentia sem identidade, apenas identificada como “a mulher do... a mãe do...”. Observa a sua luta para construir a sua identidade de Adriana Kairos: educadora e escritora e, por isso, já esteve sobre chinelos, preocupada com a educação dos seus dois filhos. O segundo subcapítulo, intitulado “O que é o Akairos Curso afinal?”, é um histórico do curso, relata transformações ao longo do tempo, com professores formados nas áreas que atuam oriundos de diversas Universidades e Institutos de Educação. As operações da Polícia na favela, que foram mote para uma mudança do local, para entrada do complexo de favelas, em território considerado neutro, acessível para estudantes de outras favelas e bairros, diminuindo impactos das operações nas aulas, que antes eram interrompidas. Relata tentativas sem sucesso de participação em editais culturais. A própria educadora, com formação acadêmica, se coloca na posição socrática dos “não saberes”, pois não possui todo conhecimento sobre o universo, inclusive sobre palavras utilizadas para concorrer editais culturais. A ajuda dos colaboradores há sido, portanto, a principal forma de financiamento do projeto, onde a mesma não é “tia” e sim “professora”, parafraseando Freire. Questiona a romantização do voluntariado

pelas classes intelectuais de fora da favela. O voluntariado é um trabalho de resistência e formação política nas favelas, entre favelados, e seria papel das classes altas intelectualizadas, incentivarem financeiramente esses educadores de projetos. São dos colaboradores intelectuais, cientistas, trabalhadores origem a solidária do financiamento do projeto. De pessoas que tem alteridade com o favelado, e se compreendem como proletários no sistema. Adriana afirma a importância da parceria e da diversidade de colaboradores, com a frase “Juntos somos mais fortes!” (KAIROS, 2022, p. 34).

O capítulo “Educação Popular, onde vive, do que se alimenta?” tem oito subcapítulos, inicia na página 37 e finaliza na 58. O primeiro, intitulado “Sobre 2020”, relata a importância do trabalho social das ONGs com os moradores da Maré, em “ano perdido” recolheu mantimentos e ofertou testagens em parcerias com iniciativas privadas. Enfatiza-se a importância da solidariedade entre favelados, forma de resistência. Há temor pela morte de pessoas e saudades do afeto pedagógico. O segundo subcapítulo, “Defasagem Educacional”, discute o retorno dos estudantes de escolas públicas na educação presencial em 2021, através de rodízios. Nele, a autora apresenta a dificuldade dos estudantes pobres em ter acesso aos dispositivos tecnológicos para realizar atividades escolares remotas. Também, a autora cita pesquisa divulgada pelo Banco Mundial, onde estudantes pobres teriam 1,7 ano de defasagem na aprendizagem aos demais: “fica evidente que tal situação deixará mareenses cada vez mais longe de um ponto de partida minimamente aceitável e justo” (KAIROS, 2022, p. 41). O terceiro subcapítulo, “Dos Interesses Pedagógicos”, é aberto com um trecho de *Alucinação*, de Belchior, de 1976. O texto fala do trabalho com classes faveladas que têm na educação uma esperança de melhoria de vida. Adriana relata ser professora, e não burocrata, descrevendo aspectos de uma educação omnilateral, contra burocracias. Porém, segundo ela, a ciência evidencia interseccionalidades entre atividades no mundo contemporâneo (LIPSKY, 2019), republicano e democrático, uma crítica até *weberiana* (1999) aos efeitos negativos do capitalismo e da burocracia que nos coloca em “caixinhas”. O subcapítulo seguinte denominado “A diferença entre Dificuldade e Distúrbio, uma experiência pessoal”, Mostra a biografia de Adriana ex-aluna de uma trabalhadora da favela “explicadora”, tendo aulas na sala da casa da trabalhadora, onde crianças assistiam séries de Televisão, sem contexto didático. Adriana deixa entender, que atrapalhou sua

aprendizagem escolar. Neste mesmo subcapítulo a autora realiza uma crítica à medicalização e laudos, que estigmatizam e rotulam, são antipedagógicos. É necessário que as famílias aprendem sobre espaços e contextos didáticos. O quinto subcapítulo, intitulado “Os Improváveis”, Adriana se aproxima do interacionismo *goffmaniano* (1988), pois os estudantes chegam desacreditados, com estigmas e rótulos, e no curso, retomam a autoestima, melhorando os seus desempenhos. O texto relata o caso da estudante que diagnosticada com dislexia, melhorou sua leitura, e participou na construção de um *e-book* como escritora. Segundo a autora, a aluna era rotulada como preguiçosa e desinteressada por agentes na escola regular. Outro caso descrito pela autora é do estudante que possui glaucoma e que sofre com o negacionismo da família, tendo sua leitura prejudicada. Durante a atividade ele se tornou leitor e, mesmo com dificuldades de enxergar, melhorou sua leitura e escrita, participando de um *e-book* como escritor. No subcapítulo “Estudar é um Ato Político”, Adriana relata a importância da educação para uma ascensão social horizontal e autoconhecimento político. Já o subcapítulo “Pandemia (Des) Aprendizagem e Futuro” fala sobre perdas educacionais durante a pandemia e o quanto a educação remota não funcionou para os estudantes das favelas. Por último, em “Os Desafios de Educar”, a autora relata experiências construídas em parceria com a psicóloga Letícia Oliveira, que contribuiu com bate-papos sobre autoestima das mulheres, mães e de seus filhos estudantes no curso. Esta seção debate sobre a saúde mental num espaço de pobreza e violência.

O capítulo “De aulas e Sonhos”, iniciado na página 59 e terminado na 78, possui quatro subcapítulos. Em “Sobre Lutas”, primeiro subcapítulo, se discute sobre o Golpe de 11 de setembro de 1973 no Chile, em que o presidente Salvador Allende foi assassinado e políticas educacionais progressistas foram silenciadas. No período da Guerra Fria e pautas progressistas nas Américas, a autora relata que foram negadas práticas educacionais em hegemonia de ditaduras. No subcapítulo “Las Canciones de Cuna”, a autora descreve uma oficina realizada com os estudantes introduzindo glotopolítica das américas. Há uma crítica à formação empreendedora que objetiva o mercado de trabalho e esvazia o ensino da linguagem como um processo cultural e político. O subcapítulo “Sobre Estímulos, Criatividade e Família” discute como algumas famílias e escolas, por vezes, negam o lúdico com fins pedagógicos. Nesse sentido, Adriana relata ações lúdicas com massinhas que foram exitosas na

aprendizagem de estudantes. No último subcapítulo, “Breviário da Esperança” há relatos positivo de crianças e seus responsáveis sobre o trabalho do curso nas favelas, pois mesmo com os desafios tecnológicos durante a pandemia houveram momentos importantes, incluindo doações de aparelhos.

No último capítulo do livro, iniciado na página 80 e concluído na 95, chamado “A aluna que eu fui e a educadora que eu sou”, a autora entra em alteridade com os estudantes. Ela discute desafios socioeconômicos, rótulos e estigmas que ela mesma sofreu durante a sua escolarização, sendo processos idênticos aos dos estudantes que hoje atende. Ela critica a educação tradicional que instrui estudantes favelados a serem colocados em “jaulas”, rotulados como “agressivos”. Em suma, a autora reforça que o afeto e o prazer em sala de aula devem ser estimulados na educação, sem haver sistemas de vigia e punição aos estudantes.

Em suma, o livro de Kairos tem inspirações nos maiores críticos educacionais, que discutem a importância da alteridade e do afeto. A obra discute a resistência da educadora ao nadar contra uma corrente tradicional da educação, que transforma a educação pública nas características de um espaço privado. As posições políticas e científicas da autora são expressas além de uma expressão marxista, pela luta de classes (MARX; ENGELS, 1988). Tem inspirações *weberianas*, *foucautianas*, *freireanas*, *goffmanianas*, pois as filosofias dos educadores que trabalham em conjunto com ela precisam desse alcance de literaturas e trocas, pois o público é diverso e tem atendimento individualizado, necessitando da diversidade de filosofias para uma diversidade de práticas.

## Referências

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

LIPSKY, M. **Burocracia em nível de rua: dilemas do indivíduo nos serviços públicos**. Brasília: ENAP, 2019.

KAIROS, A. **Sala de Reforço Escolar: reflexões e práticas para a esperança**. Editora NUA, 2022.

KOSLINSKI, M.; BARTHOLO, T. A pandemia e as desigualdades de oportunidades de aprendizagem na educação infantil. **Estudos em Avaliação Educacional**, v. 32, 2021.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. Global Editora, 1988.

WEBER, M. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: Editora UnB, 1999.